

GÊNERO, CULTURA E VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR NA LITERATURA CHICANA: ANÁLISE DOS CONTOS “WOMAN HOLLERING CREEK” E “THE MYSTERY OF SURVIVAL”

Laisa Thaise Gomes Leite¹

Thayse Madella²

INTRODUÇÃO

Caracterizada por sua persistência e natureza multifatorial, a violência de gênero configura-se como um problema que vai além de fronteiras geográficas e socioculturais, cuja continuidade está relacionada a uma hierarquia de poder com raízes históricas profundas (Balestero; Gomes, 2015; Miranda; Azeredo, 2016). Trata-se de um fenômeno multifacetado que se ampara em uma estrutura patriarcal e em mecanismos sistemáticos de desumanização e subordinação de mulheres. Ao longo do tempo, tais mecanismos, como controle sobre os corpos femininos, silenciamento e exclusão, foram naturalizados, tornando-se socialmente aceitos e reproduzidos em diferentes esferas da vida cotidiana, sustentando ciclos de violência resistentes à mudança.

Dada sua complexidade e recorrência, a violência de gênero é um tema comum em pesquisas, produções culturais e na literatura. No que diz respeito a literatura chicana, em especial, é a partir do momento em que a escrita se torna uma ferramenta de denúncia e resistência que é possível observar narrativas focadas em debater questões sociais e políticas que perpassam a vivência da comunidade chicana, grupo por muito tempo silenciado. Nesse sentido, pode-se citar a articulação sociopolítica da comunidade chicana como uma grande influência em relação a suas produções literárias. Dentre essas mobilizações sociais, está o Movimento Chicano que ganhou força a partir da década de 1960 nos Estados Unidos e é um dos grandes símbolos da luta chicana por direitos civis e políticos, bem como pela afirmação de sua identidade cultural frente à discriminação. É nesse cenário que a literatura chicana expande os debates acerca de temas como a construção de sua identidade frente ao choque entre as culturas estadunidense e mexicana, o hibridismo cultural, a reconstrução de figuras

¹Graduanda do curso de Letras Inglês da Universidade Federal de Sergipe – UFS, laisagomes8558@gmail.com;

² Professora do curso de Letras da Universidade Federal de Sergipe – UFS; thaysemadella@academico.ufs.br;

míticas e religiosas e a vivência feminina em cenários de opressão.

Tendo em vista esse panorama, é possível citar obras como as de Sandra Cisneros e Alicia Gaspar de Alba, autoras de *Woman Hollering Creek and Other Stories* (1991) e *The Mystery of Survival* (1992), respectivamente. Nascida em Chicago, no ano de 1954, Sandra Cisneros cresceu em uma família formada por pai mexicano e mãe descendente de imigrantes mexicanos. Professora e escritora, Cisneros possui obras que destacam temas como gênero, identidade cultural, tradição e pertencimento em um ambiente marcado por divergências culturais e sociais. Entre seus títulos estão *The House on Mango Street* (1983) e *Caramelo* (2002), além da coletânea de contos já citada. Já Alicia Gaspar de Alba nasceu em 1958, na região fronteira entre El Paso, Texas, e Ciudad Juárez, no México, contexto influente no que diz respeito à sua obra. Escritora, pesquisadora e professora, sua produção literária, assim como a de Cisneros, apresenta narrativas marcadas por discussões sobre cultura fronteira, sexualidade, religiosidade e violência de gênero. Dentre suas obras, é possível citar *Desert Blood: The Juárez Murders* (2005), *[Un]Framing the “Bad Woman”: Sor Juana, Malinche, Coyolxauhqui and Other Rebels with Cause* (2014), além do livro *The Mystery Of Survival and Other Stories* (1993).

Por meio da ficção ou de textos autobiográficos, as duas autoras colocam em evidência a mulher latina e as condições que permeiam sua existência, além de expor a violência a qual os ambientes familiares não estão imunes, conforme retratado nos contos selecionados para análise neste trabalho. Em “Woman Hollering Creek”, a narrativa gira em torno de Cleófilas, uma mulher recém-casada que se muda do México para os Estados Unidos da América com seu marido. Distante de sua família, a personagem se vê isolada e presa em um casamento violento. Já em “The Mystery of Survival”, o foco é o abuso infantil intrafamiliar e o silenciamento como forma de perpetuação da violência.

A escolha desses contos como base para este trabalho se dá em função do fato de, apesar de distintas, ambas as narrativas das obras de Sandra Cisneros e Alicia Gaspar de Alba refletirem sobre a maneira como espaços tradicionalmente atrelados a proteção, afeto e acolhimento podem se tornar ambientes violentos e que desumanizam figuras femininas. Nesse sentido, essa pesquisa pretende se debruçar sobre a seguinte questão: como a violência de gênero no ambiente familiar e os fatores socioculturais que permitem a sua continuidade são abordados nos contos “Woman Hollering Creek” e “The Mystery of Survival”?

Dessa forma, a pesquisa tem como objetivo geral analisar as representações das manifestações de violência de gênero no espaço familiar, considerando as dinâmicas sociais e culturais que permeiam sua ocorrência. Para isso, busca-se analisar o modo como a cultura do

silenciamento, a transmissão transgeracional da violência e a internalização de valores patriarcais atravessam as personagens, moldando suas experiências enquanto mulheres.

METODOLOGIA

Este trabalho é desenvolvido a partir de uma abordagem bibliográfica e interpretativa de análise literária e tem como objetivo analisar as manifestações da violência de gênero nas relações familiares representadas nos contos “Woman Hollering Creek” (1991), de Sandra Cisneros, e “The Mystery of Survival” (1992), de Alicia Gaspar de Alba.

Foram lidos 4 livros, sendo eles *Woman Hollering Creek and Other Stories* (1991), de Sandra Cisneros, *Mean* (2017), de Myriam Gurba, *The Mystery of Survival and Other Stories* (1993), de Alicia Gaspar de Alba e *Chicana Lesbians* (1991), de Carla Trujillo. A partir dessas leituras, os dois contos citados foram escolhidos em razão da semelhança temática, visto que, apesar de perspectivas distintas, ambos destacam a ocorrência da violência dentro da esfera familiar.

Ciente de que a violência de gênero não é um fenômeno que acontece de forma descontextualizada, a análise não se limitará à observação dos episódios de violência narrados nos contos. A violência direcionada às mulheres é compreendida aqui como um produto de convenções socioculturais, o que torna essencial considerar valores associados a tradições e a papéis de gênero, por exemplo. Sendo assim, desenvolver o trabalho a partir de um olhar ampliado possibilitará interpretar como as relações de poder e opressão se constroem nos contos em diálogo com os contextos sociais que as condicionam.

No que se refere à fundamentação teórica, o trabalho conta com obras que destacam a conexão entre gênero, cultura e poder, considerando a influência desses fatores sobre a prática da violência. *Thinking about women: Sociological perspectives on sex and gender* (2014), de Margaret L. Andersen, foi utilizado principalmente para conceituar gênero e diferenciá-lo de sexo. O livro foca em explorar como as construções de gênero estão interligadas ao comportamento e expectativas femininos e contextualiza historicamente a naturalização da violência contra mulher, citando práticas sociais como a “*rule of thumb*”³, que legitimava a

³Expressão associada à legitimação da violência doméstica, baseada na ideia de que o marido poderia agredir sua esposa com um bastão cuja espessura não ultrapassasse a do próprio dedão (Andersen, 2014, p.187).

violência doméstica. *Gênero, patriarcado, violência* (2015), escrito por Heleieth Saffioti, também foi essencial para a compressão de gênero e sexo. A obra ofereceu uma perspectiva que defende gênero e sexo como uma unidade indissociável, visto que, como pontuado pela autora, “não existe uma sexualidade biológica independente do contexto social em que é exercida” (Saffioti, 2015, p.116). Essa união entre dois conceitos distintos serviu para compreender as dimensões sociais que moldam o gênero e como aspectos biológicos e sociais se conectam na construção das identidades individuais e nas interações. O livro também destaca a naturalização da violência de gênero, colocando-a como necessária para conservar a estrutura patriarcal que protege os homens e oprime as mulheres.

O trabalho *Famílias, Gêneros e Violências* (2004), das autoras Martha Narvaz e Silvia H. Koller, auxiliou no entendimento em relação às dinâmicas de violência no espaço familiar. As autoras abordam a percepção de família como um espaço de proteção, afirmando ser esse espaço o responsável por promover a compreensão dos indivíduos acerca dos seus papéis sociais e como se encaixam nas noções de gênero. O texto também discute a transmissão da violência no ambiente familiar, destacando a forma como as mães, também vitimizadas e condicionadas pelas normas de gênero, não são capazes de compreender a violência sofrida pelas filhas como um problema real, mas sim como um acontecimento natural na vida de qualquer mulher. Já *Loving in the War Years* (1983), de Cherrie Moraga, aborda a violência de gênero simbólica e o julgamento interno da comunidade chicana sobre as mulheres que não seguem as normas tradicionais de sua cultura. O livro serviu para compreender a dificuldade enfrentada por muitas mulheres chicanas para abandonar ciclos de violência, já que são criadas sob valores culturais específicos de sua comunidade que reforçam a submissão das mulheres aos seus pais e maridos. Além de discutir acerca das práticas comuns de violência de gênero nas famílias chicanas, a autora também expõe a maneira como a sexualidade feminina é utilizada como instrumento de controle social, mostrando como a homofobia exclui e subjuga muitas mulheres.

Assim como as obras citadas, o livro *Voicing Chicana Feminisms* (2003), de Aída Hurtado, enfatiza a vivência de mulheres chicanas inseridas em famílias onde o pai é a autoridade máxima. Por meio de relatos reais, a autora mostra como diferentes formas de subordinação, sejam elas mais explícitas ou sutis e internalizadas, atravessam relações sociais e se reproduzem, sobretudo no ambiente familiar, destacando também a intersecção de gênero, raça, classe e sexualidade que perpassa a questão da violência. A obra serviu de base para pensar as diferentes formas de manifestação da violência de gênero e a maneira como normas culturais, familiares e sociais se entrelaçam para permitir o controle de mulheres.

Também faz parte do referencial teórico dessa pesquisa o livro *[Un]Framing the “Bad Woman”* (2014), de Alicia Gaspar de Alba, que foca em questionar a categorização de “mulher boa” e “mulher má” e a apresenta como um instrumento do patriarcado para oprimir mulheres e promover interesses masculinos. Além disso, a obra denuncia casos de feminicídio e descaso estatal ao dar visibilidade a relatos de vítimas exploradas por um sistema econômico no qual a desumanização de corpos femininos configura como uma de suas bases estruturais. A autora também trabalha com o conceito de “leis do pai” para evidenciar a dominação masculina em vários âmbitos da sociedade e discutir como as normas de gênero são construídas e reforçadas por fatores históricos, culturais e religiosos. A obra viabilizou o entendimento sobre a maneira como as mulheres internalizam as normas de gênero e o julgamento social presente em contextos familiares e comunitários.

Complementando essa discussão, *Sex and Conquest* (1995), de Richard C. Trexler, foca em apresentar a violência e a desumanização de corpos no contexto histórico europeu e durante os processos de conquista no continente americano. Por meio do conceito de “penalidade penetrativa”, Trexler expõe como o controle dos corpos foi usado como instrumento de dominação durante o processo colonial de diversos povos e como a femininização foi utilizada para punir e inferiorizar os inimigos dos conquistadores. A perspectiva histórica do livro permitiu estabelecer um vínculo entre a violência institucionalizada do passado, sua continuidade no contexto contemporâneo e compreender as raízes da inferiorização do gênero feminino.

Outros materiais, além dos mencionados nesta seção, poderão ser acrescentados ao longo do desenvolvimento da pesquisa caso se revelem pertinentes e dialoguem com a análise das obras literárias. Serão observados os personagens, as dinâmicas familiares, assim como as semelhanças e distinções na representação da violência de gênero nos contos, de modo a compreender como essas narrativas abordam a violência articulada a fatores socioculturais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Papéis de Gênero e Violência em “Woman Hollering Creek”

Compreender o conceito de gênero implica reconhecê-lo como uma construção social e culturalmente condicionada e distinta do sexo biológico. Enquanto o sexo se relaciona a aspectos físicos e anatômicos, o gênero é baseado em um conjunto de concepções e expectativas que diferenciam homens e mulheres (Andersen, 2014). Trata-se, portanto, de um sistema simbólico que regula comportamentos e identidades conforme o que se naturalizou

como masculino e feminino. Embora distintos, sexo e gênero tampouco devem ser compreendidos de maneira totalmente dissociada. O sexo é muitas vezes usado para justificar certas normas de gênero, o que pode ser percebido na crença de que os diferentes níveis hormonais explicam a agressividade dos homens e a irracionalidade das mulheres, por exemplo (Dias; Machado, 2008). Dessa maneira, tendo em vista a não neutralidade dos corpos, as normas de gênero moldam a forma como o sexo é vivenciado e percebido socialmente (Saffioti, 2015).

Apesar de frequentemente debatida, a tendência de estabelecer diferenças entre homens e mulheres não é um fenômeno recente. Há muito tempo, em diversas culturas, as mulheres já eram inferiorizadas e reduzidas às tarefas domésticas, e em algumas sociedades, como as da Roma e Grécia antigas, representativas dos ideais europeus civilizatórios que permeiam o processo de colonialidade, sequer eram contempladas com direitos civis e políticos. Assim, essa lógica histórica de separar e hierarquizar o feminino e o masculino não se limita ao campo das ideias e ganha contornos concretos nas relações sociais. É nesse contexto que a violência de gênero, que atinge principalmente as mulheres, se encontra. Legitimada por meio de aspectos culturais e sociais, a violência de gênero refere-se a práticas ou situações que impõem sofrimento físico e/ou emocional a indivíduos em razão de seu gênero (Strey; Werba, 2001 *apud* Narvaz; Koller, 2004).

Trata-se de um problema persistente e estrutural que afeta gerações de mulheres e se manifesta em uma frequência alarmante em seus cotidianos. No Brasil, por exemplo, conforme pesquisa do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, cerca de 37,5% das brasileiras sofreram algum tipo de violência entre os anos de 2014 e início de 2015. Ao não especificar a natureza da violência sofrida pelas mulheres, a pesquisa evidencia a forma diversa como a violência pode se manifestar, o que às vezes impede que as agressões sejam reconhecidas como tal.

As estruturas que possibilitam a ocorrência desse tipo de violência podem ser percebidas na narrativa de “Woman Hollering Creek”. Cleófilas, protagonista do conto, deixa sua família e sua cidade natal, no México, para viver no Texas, nos Estados Unidos, com seu marido. O processo do casamento e da consequente separação da sua família, narrado logo no início da narrativa, evidencia uma das manifestações mais persistentes da hierarquia estabelecida pelas normas de gênero: a ideia de que corpos femininos possuem donos, primeiro seus pais, depois seus maridos. No conto, isso se materializa quando Don Serafín, pai de Cleófilas, dá permissão para que Juan Pedro a leve consigo como sua esposa (Cisneros, 1991, p.43). Trata-se de um exemplo de como os papéis de gênero ditam como muitas relações sociais operam, em especial as familiares, e legitimam a dominação masculina.

Esse pensamento de posse e subordinação de mulheres em relação aos homens é discutido por Alicia Gaspar de Alba em *[Un]framing the Bad Woman* (2014) por meio do conceito de “leis do pai”. Segundo a autora, refere-se a um conjunto de normas simbólicas e institucionalizadas que posicionam o homem em uma condição de autoridade. Apesar do nome, essas normas não se resumem ao ambiente familiar, ainda que seja o núcleo mais evidente, mas também se materializam no trabalho, na política e em outros âmbitos onde a presença masculina se manifeste. Assim, o ato de Don Serafín de “transferir” Cleófilas para outro homem é uma expressão de um sistema que legitima o controle dos homens sobre os corpos e vidas femininos.

Agora sob a autoridade do marido, Cleófilas leva consigo para o Texas expectativas construídas durante uma vida inteira acerca do casamento. Condicionada a valorizar o matrimônio como o grande marco da vida de uma mulher, Cleófilas enxerga o amor romântico como uma realização pessoal, algo que ela almeja desde que “tinha idade suficiente para se apoiar nas vitrines de gaze [...]” (Cisneros, 1991, p.44, tradução nossa⁴). O trecho retirado do conto ilustra como a promessa do casamento e do amor novelesco já era parte do imaginário da personagem muito antes de sua vida adulta. Além disso, a ideia de que o amor incondicional deve resistir a qualquer adversidade não está só presente nas novelas que a personagem assiste, mas também faz parte de tudo o que Cleófilas compreende sobre relações amorosas e o papel das mulheres nessas relações. Compreende-se, então, que essas noções moldam não apenas as expectativas que ela projeta sobre sua união com Juan Pedro, mas também definem o papel que ela acredita que deve desempenhar enquanto esposa.

Apesar de profundamente internalizadas, tais normas de gênero não surgem de forma espontânea e natural. Elas são construídas e estabelecidas socialmente, sendo a cultura um dos principais fatores que possibilitam a conservação dos papéis de gênero que atravessam gerações de mulheres. A cultura pode ser compreendida como um conjunto de significados historicamente produzidos e compartilhados por grupos sociais (Kluckhohn, 1962, p.52). Esses significados e o ambiente cultural moldam os indivíduos, que se comportam e interpretam a sociedade ao redor a partir de suas principais referências culturais e não podem ser facilmente desagregados desse contexto (Klevens *et al.*, 2007). Nesse sentido, mulheres como Cleófilas não aprenderam a enxergar o matrimônio como objetivo de vida de forma arbitrária, mas sim

⁴Original: “[...] she was old enough to lean against the window displays of gauze [...]”

por meio de princípios estabelecidos por aqueles que estão cultural e socialmente em posição de controle, os homens, e reproduzidos também por aquelas que se encontram abaixo, as mulheres (Anzaldúa, 1987, p.16).

Essa influência não necessariamente acontece mediante discursos explícitos. Ela se dá de maneira sutil, por meio de tradições, práticas religiosas, meios de comunicação e entretenimento — as novelas, no caso de Cleófilas — e nas expectativas reproduzidas no convívio social. Com isso, a cultura se comporta como um sistema que estabelece e guia comportamentos, sejam eles vinculados às dinâmicas de gênero ou não. No que diz respeito às mulheres, o contexto cultural onde são criadas contribui, por exemplo, para a aceitação da subordinação e do silenciamento como se fossem parte de sua vivência feminina.

As expectativas da personagem em relação a seu casamento logo se mostram distantes da realidade. O episódio do primeiro ato de violência física ocorre de maneira abrupta, tanto para Cleófilas quanto para o leitor. Após narrar a mudança da personagem para o Texas, tratar acerca da idealização da sua vida conjugal e descrever brevemente a pequena comunidade ao seu redor, Cisneros introduz o que pode ser considerado um dos momentos de ruptura na trajetória da protagonista:

Na primeira vez, ela ficou tão surpresa que não gritou nem tentou se defender. Ela sempre dissera que revidaria se um homem, qualquer homem, a atacasse. Mas quando chegou o momento, e ele a esbofeteou uma vez, e depois outra, e outra; até o lábio se partir e sangrar uma orquídea de sangue, ela não reagiu, não começou a chorar, não fugiu como imaginava que faria quando via tais coisas nas novelas. (Cisneros, 1991, p.47, tradução nossa⁵)

A reação de Cleófilas, ou a falta dela, revela seu choque diante da situação em que se encontrava, com súbita constatação de que seu corpo havia sido violentado por seu marido, por tantos anos aguardado, em um ambiente que deveria ser seguro, sua casa. A quebra entre a expectativa e a realidade não está associada apenas à questão afetiva, à como Cleófilas se sentia em relação ao esposo, mas também à desestruturação do espaço doméstico. Como proposto por Gaston Bachelard, em *A Poética do Espaço* (2014), a idealização de “casa” é de um lugar de

⁵Original: “The first time she had been so surprised she didn’t cry out or try to defend herself. She had always said she would strike back if a man, any man, were to strike her. But when the moment came, and he slapped her once, and then again, and again; until the lip split and bled an orchid of blood, she didn’t fight back, she didn’t break into tears, she didn’t run away as she imagined she might when she saw such things in the telenovelas.”

acolhimento e refúgio psíquico. Para o autor, a casa não é compreendida apenas como uma estrutura física que oferece conforto material e atende às funcionalidades cotidianas, ela é um abrigo para pensamentos, afetos e memórias, sendo também uma proteção contra as adversidades do mundo exterior e parte do que constitui a psique daqueles que a habitam.

Essa ideia acerca do símbolo da casa é questionada por Sandra Cisneros em *A House of My Own* (2015), quando opina brevemente sobre o que é proposto por Gaston Bachelard ao ter acesso a sua obra durante a graduação. Ao rememorar sua infância em moradias superlotadas e precárias, a autora ironiza a concepção de casa como refúgio e local de paz, e aponta a casa de Bachelard (2014) como um privilégio reservado àqueles que não precisam lidar com a pobreza, por exemplo. Apesar de inserida em um contexto diferente do que é relatado por Cisneros em seu livro de memórias, a vivência de sua personagem em “Woman Hollering Creek” reforça sua visão de que o símbolo da casa enquanto lar é atravessado por diversas condições.

Ao se tornar cenário de violência, a casa de Cleófilas se distancia da ideia de casa protetora contra o que perturba e fere o ser humano, como colocado por Bachelard (2014), e torna-se ela mesma um agente de desgaste emocional e físico. Permanecer nesse ambiente implica conviver constantemente com quem a agrediu e consequentemente carregar sempre em si o medo de que a violência se repita. Diante disso, a experiência da personagem pode ser compreendida como parte de um dos produtos da hierarquia de gênero: a violência doméstica. Longe de ser uma questão simples, a violência doméstica consiste em atos de violência física ou psicológica e controle ou destruição de bens de cônjuges (Frias; Angel, 2005; Ferguson, 2011 *apud* Rodriguez, 2012). Apesar de não ser um problema exclusivamente feminino, as mulheres são as mais acometidas. A quinta edição da pesquisa “Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil”, divulgada em 2025, revela que 40% das entrevistadas com idade acima de 16 anos já foram vítimas de violência por parte de seus parceiros, sendo 26% delas agredidas fisicamente. Assim, o abuso em relação às mulheres não configura uma exceção, mas sim uma grave e recorrente violação de seus direitos básicos.

Da mesma forma como os indivíduos não podem ser dissociados de seu contexto cultural, a violência doméstica tampouco pode ser entendida de maneira isolada dos padrões socioculturais de gênero. Nesse sentido, a base das práticas violentas em ambiente doméstico se encontra, principalmente, na naturalização do controle masculino e da obediência esperada das mulheres, dois aspectos fortemente apoiados e reproduzidos fora e dentro de muitas famílias, em especial as que seguem o padrão “tradicional” familiar, que prevê papéis de gênero claros, com o pai/marido como provedor e autoridade principal e mãe/esposa como cuidadora.

As “leis do pai”, conceito já apresentado anteriormente, novamente se concretizam e estabelecem a violência não como um ato condenável, mas sim como um direito masculino e ferramenta de correção e soberania. Como observado por Rodriguez (2012) ao citar Feder (1999), no passado os maridos eram moral e legalmente autorizados a punir suas esposas caso estas não se comportassem como deveriam. No Brasil colonial, algo semelhante também acontecia, com os homens possuindo permissão para matar suas esposas em casos de adultério ou simples suspeita. Embora tais práticas não mais tenham amparo jurídico no país, os fundamentos simbólicos que as sustentam continuam presentes na sociedade, permitindo que os homens não só sintam autorizados, mas respaldados moral e culturalmente para agredir, controlar e manipular suas companheiras.

A partir do momento em que Cleófilas é agredida, a narrativa sugere um ciclo de violência doméstica que culmina não só na continuidade das agressões, mas também enfraquece as suas possibilidades de reação. Após agredir Cleófilas, Juan Pedro chora, demonstra arrependimento e vergonha pelo seu ato, caracterizando um padrão identificado em muitos contextos de violência doméstica, nos quais o agressor alterna entre a violência e gestos de afeto que levam a vítima a acreditar na mudança do parceiro. Diante disso, Cleófilas tenta racionalizar e atenuar o comportamento do marido, esforçando-se para lembrar a si mesma as razões pelas quais o amava. A reação de Cleófilas novamente se mostra como um reflexo dos ensinamentos que recebeu ao longo de sua vida: aguardar pelo matrimônio e se empenhar para preservá-lo a qualquer custo.

Assim, a cultura reaparece como um elemento central no que diz respeito à resposta da personagem à violência sofrida. A decisão de Cleófilas de permanecer com o marido não é pautada apenas no discurso de arrependimento de Juan Pedro, mas sim influenciada por princípios culturais, como o familismo. Caracterizado pela ideia de priorização da família, o familismo é marcado por valores como lealdade, respeito e sacrifício em nome da unidade familiar, sendo uma noção cultural muito difundida nas culturas hispânicas e latino-americanas (SESC, 2020). Dentre as premissas do familismo, destaca-se a obrigação de preservar a honra da família, tanto no âmbito interno quanto perante a comunidade. Sob esse viés, tudo que comprometa a imagem ou estabilidade da família, como a exposição de conflitos e denúncia de violência, deve ser evitado. Nesse contexto, recai sobre Cleófilas a função de manutenção e estabilidade doméstica, mesmo que para isso permaneça em um ambiente hostil e em uma relação abusiva.

Conforme exposto no início do conto, Cleófilas é uma mulher mexicana que se muda para os Estados Unidos após o casamento. A sua imigração não representa somente uma

mudança geográfica, mas também evidencia um fator pertinente em contextos de violência doméstica: o deslocamento. Estar em um local diferente, longe de sua família e amigos contribui para uma maior vulnerabilidade da vítima, que passa a depender emocional e socialmente de seu agressor (Machado, 2019). No caso de Cleófilas, seu deslocamento para um novo país também promove o seu isolamento, visto que suas únicas companhias são, como descrito no conto, “Soledad de um lado, Dolores do outro. Ou o riacho.” (Cisneros, 1991, p.51, tradução nossa⁶). A narrativa reflete sobre a ausência de conexões sociais de Cleófilas, que não cultivava muitas amizades, a não ser as duas senhoras com quem assiste às novelas, e não tem acesso a outras realidades femininas diferentes da sua. Assim, o isolamento físico e emocional de Cleófilas apresenta-se como um fator sutil, mas eficaz no que diz respeito à persistência do ciclo de violência. Longe de sua família e de qualquer rede de apoio, a opção inicial da personagem é permanecer onde está.

O contexto em que Cleófilas se encontra inicialmente desestimula qualquer possibilidade de ruptura. Além de sofrer o impacto dos valores do familismo e ser levada a acreditar que precisa manter sua família unida, a protagonista também se vê afetada pelas expectativas sociais da comunidade latina. Ao considerar deixar seu marido, a personagem não se depara somente com a preocupação acerca da reação familiar, mas também com o medo da reprovação coletiva:

Às vezes, ela pensa na casa do pai. Mas como ela poderia voltar para lá? Que vergonha. O que os vizinhos diriam? Chegando em casa daquele jeito, com um bebê no colo e grávida. Cadê seu marido? (Cisneros, 1991, p.50, tradução nossa⁷)

Mais uma vez, observa-se como expectativas sociais, atreladas aos ideais de gênero, definem quais caminhos são possíveis e aceitáveis para as mulheres. Em *Loving In The War Years* (1983), Cherríe Moraga denuncia como a comunidade chicana tende a rejeitar suas mulheres caso elas ajam de maneira diferente do que é esperado, especialmente no que diz

⁶Original: “Soledad on one side, Dolores on the other. Or the creek.”

⁷Original: “Sometimes she thinks of her father’s house. But how could she go back there? What a disgrace. What would the neighbors say? Coming home like that with one baby on her hip and one in the oven. Where’s your husband?”

respeito ao casamento. Nesse sentido, a autora descreve como as mulheres que se recusam a viver sob a obediência de seus maridos são consideradas traidoras, inclusive por outras mulheres. Ir contra a tradição de sua comunidade, portanto, é sinônimo de trair a sua própria raça, uma condição imposta apenas às mulheres, visto que os homens não são condenados socialmente quando abandonam suas esposas ou as violentam, por exemplo. Desse modo, permanecer submissa à autoridade do marido é também ser fiel a sua família, cultura e comunidade. Aquela que ousa desafiar sua posição de obediência e recusar os papéis de gênero é considerada uma “traidora da sua raça ao contribuir para o genocídio de seu povo — quer ela tenha ou não filhos.” (Moraga, 1983, p.113, tradução nossa⁸).

Em *Voicing Chicana Feminism* (2003), Aída Hurtado aprofunda essa tendência de julgamento da comunidade ao analisar suas raízes históricas. A autora apresenta a conquista dos espanhóis e a imposição da religião católica como aspectos fundamentais na criação da ideia do que é ser mulher na cultura mexicana (Hurtado, 2003, p.15). Dentro desse imaginário cultural, a figura de La Malinche ocupa um lugar central como símbolo da mulher que trai o seu povo ao se associar ao domínio europeu, sendo considerada uma peça chave no processo de conquista espanhola. La Malinche é compreendida como a maior traidora do povo mexicano por atuar como tradutora e assim facilitar a dominação de Hernán Cortés sobre o império asteca (Hurtado, 2003, p.14). Essa representação tem repercussões concretas nas vidas de mulheres como Cleófilas ao apoiar uma lógica na qual a liberdade feminina é equiparada à traição. Ao tentar retornar para casa de seus familiares e encerrar o ciclo de violência que vive, a personagem seria a culpada por envergonhá-los e destruir a sua família, assim como por desrespeitar o seu povo.

Além disso, a comunidade e o contexto social em que Cleófilas está inserida enquanto residente do Texas revelam-se altamente hostis para mulheres que, assim como ela, vivenciam a violência doméstica. Mesmo que brevemente, o conto narra a maneira como a violência contra a mulher é naturalizada no cotidiano. Além de presenciar homens rirem com a confissão do assassinato de uma mulher, Cleófilas também se depara com a regularidade inquietante com a qual vê casos de violência:

Parecia que os jornais estavam cheios dessas histórias. Esta mulher encontrada na beira da rodovia interestadual. Esta empurrada para fora de um carro em movimento. O cadáver desta, esta inconsciente, esta espancada. Seu

⁸Original: “[...] “traitor to her race” by contributing to the “genocide” of her people—whether or not she has children.”

ex-marido, seu marido, seu amante, seu pai, seu irmão, seu tio, seu amigo, seu colega de trabalho. Sempre. As mesmas notícias macabras nas páginas dos jornais. (Cisneros, 1991, p.52, tradução nossa⁹)

Em um ambiente no qual o sofrimento feminino é rotineiro e a violência não parece condenável, torna-se possível questionar de que maneira Cleófilas poderia se sentir segura e amparada para denunciar o que acontecia dentro de sua casa. O cenário ao seu redor está longe de oferecer qualquer proteção e reforça a impunidade dos agressores, bem como a banalização da violência de gênero. Portanto, denunciar ou deixar seu marido não são decisões simples, não apenas pela ausência de qualquer apoio, mas também pela certeza de que a morte ou o sofrimento femininos aparentam ser aceitos com indiferença coletiva.

O fim do ciclo de violência doméstica, contudo, não se dá de forma solitária, mas sim a partir de uma rede de solidariedade feminina que apresenta a possibilidade de libertação. Em uma consulta médica, Cleófilas se depara pela primeira vez com um gesto concreto de apoio: ao perceber a situação em que a personagem se encontrava, Graciela, possivelmente uma enfermeira da clínica, articula com outra mulher, Felice, o resgate de Cleófilas. Esse momento do conto marca uma ruptura significativa com o padrão de isolamento vivido pela protagonista, que pela primeira vez enxerga uma alternativa ao que estava vivenciando.

O encontro com Felice em especial configura-se um momento essencial para Cleófilas, que finalmente tem acesso a uma outra realidade feminina, já que a mulher responsável por levá-la até outra cidade difere bastante do que a personagem compreende sobre o que é existir como mulher – Felice é uma mulher solteira dona de sua própria caminhonete. Nesse ponto, o contraste apresentado por Cisneros entre as duas mulheres, não apenas amplia a perspectiva de Cleófilas, mas também demonstra que a identidade feminina não é estática e resumida às normas de gênero que a cerca.

Para chegar a San Antonio, as personagens atravessam o riacho conhecido como La Gritona, uma referência à figura mítica da cultura mexicana, associada ao lamento materno e ao sofrimento, comumente chamada de “La Llorona”. No contexto de “Woman Hollering Creek”, contudo, a referência à La Llorona assume um significado diferente, pois agora não

⁹Original: “It seemed the newspapers were full of such stories. This woman found on the side of the interstate. This one pushed from a moving car. This one’s cadaver, this one unconscious, this one beaten blue. Her ex-husband, her husband, her lover, her father, her brother, her uncle, her friend, her co-worker. Always. The same grisly news in the pages of the dailies.”

mais representa dor e sofrimento, mas torna-se um símbolo de emancipação e libertação feminina, marcando um momento de transição na trajetória da personagem. Dessa maneira, a obra ressignifica um dos principais elementos da cultura mexicana e demonstra que, mesmo diante de contextos de opressão e violência, Cleófilas pode reconstruir a própria identidade.

A Transmissão da Violência de Gênero em “The Mystery of Survival”

Ao longo dos séculos, à medida que os ideais socioculturais se transformaram, o conceito de família foi ressignificado múltiplas vezes. Como apontado por Lucifora, Muzzeti e Reina (2021), em sua configuração mais antiga, a família estava estritamente associada às funções econômicas e reprodutivas, sendo voltada principalmente para perpetuação da linhagem. A partir do século XVII, passa a ser compreendida como um espaço privado e focado na formação moral e afetiva das crianças. É só na contemporaneidade que o conceito de família ganha contornos mais diversos e menos normativos, sendo marcado por laços afetivos mais do que por estruturas formais. O casamento, por exemplo, deixa de ser essencial para a constituição de um núcleo familiar, e o foco recai sobre a pluralidade e afetividade.

É nesse paradigma que se consolida a ideia de que a família deve ser um espaço de conforto e acolhimento. Como discutido por Narvaz e Koller (2004), a família é o primeiro grupo social ao qual o indivíduo pertence, sendo, portanto, um ambiente formador, já que é nele que os indivíduos aprendem seus papéis sociais e a se relacionar com outros grupos. Em consonância com essa reconfiguração do papel da família, intensifica-se também a valorização da infância como uma etapa singular no desenvolvimento humano. O fim da visão de criança como um “mini-adulto” modifica significativamente a maneira como a infância passa a ser compreendida, e as necessidades, subjetividades e vulnerabilidades das crianças passam a ser reconhecidas e dignas de preocupação (Lucifora, Muzzeti e Reina, 2021). Se estabelece, portanto, que o ambiente familiar não deve apenas oferecer condições para a sobrevivência, mas seja, sobretudo, um espaço de proteção e formação afetiva para as crianças.

Nesse sentido, em paralelo com o conceito de casa, abordado na seção anterior pela ótica de Gaston Bachelard (2014), a família também é concebida, no imaginário social, como um espaço de refúgio e segurança. Assim como a casa está relacionada à proteção contra o mundo exterior, espera-se que a família, independente da sua configuração, seja o principal núcleo de cuidado.

Essa idealização acerca da família costuma contrastar com a realidade, especialmente quando se olha para cenários marcados pela desigualdade e violência. A família, nesse sentido,

deixa de ser um abrigo e pode ser o primeiro lugar onde a violação da integridade infantil, por exemplo, acontece, muitas vezes de forma invisibilizada e normalizada, em especial no que diz respeito às meninas. É justamente nessa ruptura entre o ideal e o real que se situa a narrativa de “The Mystery of Survival”, de Alicia Gaspar de Alba. O conto é narrado em primeira pessoa por uma mulher que rememora o que pode ter sido um dos acontecimentos mais marcantes de sua vida: o momento em que se muda para Colonia La Gran Maria após sofrer abuso sexual do padrasto. Esse foco narrativo permite à narradora organizar os acontecimentos a partir da própria memória, conduzindo o leitor por uma sequência temporal de um episódio de sua vida e revelando sentimentos relacionados a desconfiança, trauma e abandono vividos.

A fim de compreender a dimensão da violência sexual narrada no conto, cabe situá-la em uma tradição histórica, na qual o estupro, por exemplo, já era utilizado como ferramenta de poder. Como apresentado em *Sex and Conquest* (1995), o estupro nunca configurou somente um ato físico sexual, mas uma prática associada a imposição de hierarquias sociais e a manutenção da ordem política. Por meio do conceito de “penalidade penetrativa”, a obra evidencia como, ao longo da história, o estupro serviu como uma ferramenta para a feminilização dos inimigos de chefes militares, tornando-os semelhantes às mulheres e, consequentemente, inferiores. Esse processo de desvirilização não se baseava apenas na violência sexual direta, mas incluía uma série de práticas que tinha como o objetivo principal reforçar a relação entre a feminilidade e a subordinação, transformando o gênero em um indicador de fracasso. Um dos exemplos citados na obra é o caso do Inca Huáscar que, após uma derrota durante a conquista espanhola, obrigou seus próprios chefes a vestir roupas femininas e retornar a Cusco usando as vestimentas (Trexler, 1995, p.71). É possível atestar, então, que a tendência de estabelecer uma relação direta entre o feminino e a submissão e de transformar os corpos em posse não pertence só ao passado, mas se sustenta nas condutas sociais atuais e fundamenta a violência de gênero.

Portanto, a violência direcionada à personagem do conto não está relacionada somente ao ato físico do estupro, mas também à tentativa do agressor de impor autoridade e domínio sobre o seu corpo. Isso se explicita na justificativa do padrasto de que “os homens devem punir meninas más” (Alba, 1993, p.9, tradução nossa¹⁰), em especial aquelas que desobedecem ou ousam questionar o que lhes é imposto. Esse trecho do conto revela uma lógica de poder

¹⁰Original: “Men have to punish bad girls.”

baseada no ideal patriarcal de que o homem detém o direito, ou o dever, de corrigir comportamentos femininos considerados inadequados por meio da violência. O padrasto, então, não atua apenas como agressor, mas como executor de normas sociais que vinculam autoridade masculina à punição de corpos femininos desviantes. A narrativa evidencia como a protagonista, mesmo sendo uma criança, é percebida não como um indivíduo vulnerável, mas como um corpo a ser disciplinado, revelando como o gênero, até mais do que a idade, define quem será punida e de que forma.

Essa manifestação das estruturas patriarcais e das normas de gênero é abordada por Alicia Gaspar de Alba em *[Un]framing the “bad woman”: Sor Juana, Malinche, Coyolxauhqui, and other rebels with a cause* (2014). Na obra a autora discute criticamente a separação entre a “mulher boa” e a “mulher má” na cultura chicana e a aponta como fruto do que ela denomina “síndrome das Três Marias”. Essa síndrome classifica o gênero feminino em 3 arquétipos bíblicos: a Virgem, a Mãe e a Prostituta. Para a mãe cabe o papel de procriação e dedicação total à sua família. Já a virgem é a mulher que obedece e preserva a sua inocência enquanto aguarda pelo matrimônio. Enquanto a prostituta, associada à figura de La Malinche, corrompe os homens e desonra a sua família e sua comunidade. É na última categoria que são colocadas todas as mulheres que de alguma forma não aceitam viver sob as expectativas sociais que as acompanham desde o nascimento, como casar-se com um homem, tê-lo como autoridade durante toda a vida e ter filhos.

O livro aprofunda o debate ao examinar como essa lógica binária entre “mulher boa” e “mulher má” atua de forma concreta. A obra cita os feminicídios da Cidade de Juarez e revela como as vítimas, mulheres jovens e trabalhadoras das maquiladoras, foram enquadradas pela sociedade e pelas autoridades que deveriam investigar os assassinatos como “maqui-locas”, mulheres que usavam saias curtas, sapatos altos, batom, frequentavam bares e que buscavam por problemas (Alba, 2014, p. 159). Ao encaixá-las no arquétipo de “prostituta” essas mulheres são automaticamente desconsideradas como sujeitos sociais e suas mortes são tratadas com descaso e vistas como consequências de suas escolhas. Essa categorização, portanto, permitiu à sociedade e ao Estado justificar a violência contra essas mulheres como algo inevitável ou até merecido, reforçando a ideia de que determinados corpos femininos não merecem proteção, justiça ou luto.

Tal desumanização de corpos femininos também se expressa no conto por meio da figura da mãe. Na narrativa, esse sistema simbólico não opera só através do agressor, mas também mediante condutas maternas que, ainda que provocadas por necessidade ou pressões sociais, acabam por reafirmar convenções de gênero e perpetuar a violência. Logo após o

abuso, a personagem recorre a sua mãe, que decide partir com a filha rumo à fronteira, buscando abrigo na casa de uma prima. Ao ser questionada pela filha acerca das ações do padrasto, a mãe responde o que talvez seja o que ela mesma recebeu como ensinamento enquanto crescia:

“Lembre-se, filha”, disse ela depois de um tempo, “o mistério da sobrevivência é a obediência. Se pudermos obedecer até mesmo à coisa mais terrível, nós sobreviveremos. Se desobedecermos, sempre perderemos. Lembre-se disso. Obedeça e você sobreviverá. Desobedeça e você sofrerá (Alba,1993, p. 9, tradução nossa¹¹).

A fala da mãe condensa sua visão de mundo marcada pela adaptação e aceitação da dor e sofrimento como obstáculos inevitáveis. Cabe, portanto, à sua filha suportar a violência em silêncio e se preparar para episódios futuros, como a mãe afirma mais adiante: “Você acha que está doendo agora, filha [...] Mais tarde você vai saber que sobreviveu. Mais tarde você vai saber o que é sofrer de verdade.” (Alba,1993, 1993, p.10). Para a mãe, a violência é algo inerente à vivência feminina e quanto mais cedo sua filha compreender isso, menos ela irá sofrer.

No entanto, a mãe, ao transmitir essas lições à filha, não atua como uma agente consciente do que de fato motiva esse seu pensamento. Sua fala é, acima de qualquer coisa, a expressão de um saber internalizado e moldado por experiências anteriores. Ao discutir sobre a transgeracionalidade da violência, Narvaz e Koller (2004) chamam atenção para o fato de que as mulheres, como a mãe representada em “The Mystery of Survival”, fazem parte de uma cadeia de mulheres que não receberam de suas próprias mães o apoio adequado diante de situações semelhantes à da garota. Assim, por conta da falta de modelos alternativos de enfrentamento, as práticas são passadas de geração em geração. A mãe que viveu para servir o marido e seus filhos, ensinará o mesmo à sua filha. Da mesma forma, a mãe que foi vitimizada e silenciada por uma conjuntura sociocultural que a impedia de denunciar, tende a transmitir a mesma forma de existência à sua filha (Narvaz; Koller, 2004).

Em vista disso, não se trata de responsabilizar a mãe pela violência sofrida pela filha, mas de compreender a posição que ela ocupa dentro da lógica patriarcal e de gênero. Ao decidir

¹¹Original: “Remember, hija,” she said at length, “the mystery of survival is obedience. If we can obey even the most terrible thing, we will survive it. If we disobey, we will always lose. Remember that. Obey and you will survive. Disobey and you will suffer.”

sair de casa com a filha em busca de abrigo na fronteira, a mãe tenta oferecer amparo sob as condições que conhece. Por mais que seu pensamento represente a continuidade do ciclo de violência, culpá-la por isso seria ignorar o contexto em que ela está inserida e desviar o foco de quem de fato precisa ser responsabilizado: o agressor.

CONCLUSÃO

A análise dos contos “Woman Hollering Creek” e “The Mystery of Survival” demonstra que, apesar de inserida em contextos distintos, a violência de gênero não é fruto de circunstâncias pontuais, mas sim uma das manifestações concretas de estruturas patriarcais, consolidadas e apoiadas em práticas culturais que não reconhecem homens e mulheres como igualmente dignos de respeito. Nesse sentido, nas duas narrativas, o gênero opera como um elemento central que define não somente a quem a violência será direcionada, mas a resposta das vítimas frente ao abuso. É ele que dita as relações de poder, guia as expectativas de comportamento, principalmente das mulheres, e determina quais condutas são toleradas ou não.

Em “Woman Hollering Creek”, essa lógica social estruturada a partir do gênero é perceptível do momento em que Cleófilas é entregue ao marido por seu pai, até o instante que sofre a primeira agressão física. Esses dois momentos do conto evidenciam como as normas de gênero se manifestam de formas distintas e graduais, sendo em alguns casos natural e sutilmente, e em outros de modo explícito e brutal. Já em “The Mystery of Survival”, a violência sexual sofrida pela narradora ainda quando criança demonstra como o gênero se sobrepõe até mesmo à questão etária, indo de encontro com a ideia de criança como um ser vulnerável que precisa ser protegido.

A análise de dois contos que apresentam personagens em momentos diferentes da vida – uma mulher adulta recém-casada e uma criança – possibilita também refletir sobre a relação quase inevitável entre a vivência feminina e a violência de gênero. Em ambos os casos, as mulheres não estão livres de serem violentadas, estejam elas em um ambiente familiar ou não, sejam adultas ou crianças, revelando que a vulnerabilidade dos corpos femininos não se restringe a uma etapa da vida, mas atravessa gerações e contextos diversos.

Além disso, a partir do estudo das narrativas, foi possível discutir um elemento central no que diz respeito às normas de gênero: os valores culturais. Os contos permitem identificar como a cultura molda comportamentos, expectativas e relações, influenciando como os indivíduos percebem a si e aos outros. Em “Woman Hollering Creek” o medo de ser julgada pelos valores culturais de sua própria comunidade leva Cleófilas a permanecer no casamento, mesmo diante das agressões. Já em “The Mystery of Survival”, essa influência cultural se

manifesta na atitude da mãe da narradora, que naturaliza o abuso sexual sofrido pela filha e reforça a ideia de que a obediência é única resposta adequada. Dessa forma, nos dois casos, a cultura funciona como uma ferramenta de preservação dos papéis de gênero e da ordem patriarcal que possibilitam a continuidade da violência.

As semelhanças entre as duas narrativas não se resumem à ocorrência da violência de gênero, mas também se estendem ao espaço onde ela acontece. Nos dois contos, as personagens são violentadas em suas próprias casas, no espaço familiar, o que possibilita repensar a concepção tradicional de casa e estabelecer contraste com a perspectiva de Bachelard (2014), que define a casa como um lugar de segurança e refúgio. Nas narrativas de Cisneros e Alba, o espaço familiar torna-se cenário de opressão e trauma, salientando que, para muitas mulheres, o perigo não está nas ruas ou em desconhecidos, mas em seu próprio lar e em seus familiares.

Assim, através de narrativas e personagens distintas, os dois contos destacam como a violência de gênero sustenta-se nas mesmas bases simbólicas e culturais. Além disso, a partir deles foi possível observar como opressão feminina não envolve somente atos isolados de agressão física, mas está enraizada nas relações sociais e nas dinâmicas individuais das próprias mulheres, que são condicionadas a reproduzirem comportamentos e valores que alimentam ciclos que as vitimizam. O enfrentamento da violência de gênero, portanto, não exige apenas o rompimento com o agressor, mas também o rompimento de um sistema cultural muito maior e profundo que nega às mulheres dignidade.

Referências

ALBA, Alicia Gaspar de. [Un]framing the “bad woman”: Sor Juana, Malinche, Coyolxauhqui, and other rebels with a cause. Austin: University Of Texas Press, 2014. 364 p.

ALBA, Alicia Gaspar de. The Mystery of Survival and other stories. Arizona: Bilingual Press, 1993.

ANDERSEN, M. L. Thinking about women: Sociological perspectives on sex and gender. 10. ed. New York: Pearson, 2014.

ANZALDÚA, G. E. Borderlands/la Frontera: The New Mestiza. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

BACHELARD, G. The poetics of space. Londres, England: Penguin Classics, 2014.

BALESTERO, Gabriela Soares; GOMES, Renata Nascimento. Violência de gênero: uma análise crítica da dominação masculina. Revista CEJ, v. 19, n. 66, 2015.

CISNEROS, Sandra. *A House of My Own: stories from my life*. New York: Alfred A. Knopf, 2015.

CISNEROS, Sandra. *Woman Hollering Creek and Other Stories*. New York: Random House New York, 1991.

DE MIRANDA, José Alberto Antunes; DE OLIVEIRA AZEREDO, Caroline Machado. Violência de gênero à luz da globalização. *Revista da Faculdade de Direito da UFMG*, n. 68, p. 421-454, 2016.

DIAS, Ana Rita Conde; MACHADO, Carla. Gênero e violência conjugal: Uma relação cultural. *Análise psicológica*, v. 26, n. 4, p. 571-586, 2008.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Visível e Invisível: Perfil das mulheres vítimas de violência (infográfico). 2025. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2025/03/visiveleinvisivel-2025-infografico.pdf>.

HURTADO, A. *Voicing Chicana feminisms: Young women speak out on sexuality and identity*. Nova Iorque: New York University Press, 2003.

KLEVENS, J. et al. Latinos' perspectives and experiences with intimate partner violence. *Violence against women*, v. 13, n. 2, p. 141–158, 2007.

KLUCKHOHN, Richard. *Culture and Behavior*. New York: The Free Press Of Glencoe, 1962

LUCIFORA, C. A., MUZZETI, L. R., REINA, F. T. Historicizando o conceito de família. [S.l.]: *Revista Tempos e Espaços em Educação*, 2021.

MACHADO, Maria Carmen. *In the Dream House*. Minnesota: Graywolf Press, 2019.

MORAGA, Cherrie. *Loving In The War Years*. Boston: South End Press, 1983.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias, gêneros e violências: Desvelando as tramas da transmissão transgeracional da violência de gênero. *Violência, gênero e políticas públicas*, v. 2, p. 149-176, 2004.

RODRIGUEZ, J. N. *Domestic Violence in the Latino Community: The Struggles Latina Women Encounter Due to Societal and Geographical Disadvantages*. Department of Sociology, 2012.

SAFFIOTI, H. I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SESC. Familismo: repercussões nas relações conjugais e familiares de idosos. Revista Sesc, São Paulo, n. 31, p. 8-23, 2020. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/files/edicao_revista/ba205050/ca71/4e79/accc/180cb35cc645.pdf

TREXLER, R. Sex and conquest: Gender construction and political order during the European conquest of the Americas. Oxford, England: Polity Press, 1995.